

Configurações Territoriais e Territorialidades: estratégias analíticas, prospectivas e projetuais.

Autores

Milton Esteves Junior, professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFES; **Léa Marina Silva** e **Caroline Valandro Costa**, alunas do Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UFES

À GUIA DE INTRODUCAO

O urbanismo, enquanto ciência multidisciplinar e prática inerente à cultura humana, requer interação entre diversas ciências e destas com estratégias pragmáticas que permitam a formulação de propostas adequadas à realidade do território e aos desejos de seus habitantes. Essas premissas regem nossos trabalhos voltados à análise do território e de suas territorialidades por meio de múltiplos fatores dos quais se destacam: ambientes culturais; cadeias produtivas; influências extra-urbanas e processos intra-urbanos; morfologia urbana; uso e ocupação do solo; e procedimentos em planejamento e gestão urbana. Tudo isso demanda recursos estratégicos que atuem de forma simultânea e interativa na experimentação, compreensão e representação das relações entre sujeitos e destes com o território. Conceitos e recursos previamente explorados e experimentados destacam o uso que fazemos de estratégias e táticas importantes, tais como a Psicogeografia e a Sitologia, bem como a Etnologia e o Mapeamento Cognitivo.¹ Pelo fato de que tais conceitos e recursos já foram anteriormente publicados,² neste artigo será sintetizado o modo como relacionamos esse "arsenal" à nossa condição atual e ao nosso território, mais especificamente como o atualizamos em nossas pesquisas e o contextualizamos no território metropolitano da Grande Vitória. Investimos na produção científica com a esperança de que nossas inquietações teóricas se convertam em ações projetuais condizentes com a realidade objetiva e com a vida coletiva, e, por outro lado, que possa colaborar com o desenvolvimento local e a governança do território sob novas bases de qualidade e sustentabilidade.

1 Referimo-nos aos trabalhos de pesquisa do Grupo de Pesquisa Conexão Vix, sediado no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma universidade. O arquiteto e urbanista Milton Esteves Jr. participa de ambos desde a concepção até o momento. As alunas Léa Marina Silva e Caroline Valandro Costa foram bolsistas de iniciação científica da UFES junto ao mesmo grupo de pesquisa.

² Ver textos de ESTEVES, Milton Jr., citados nas referências, e, também, dois trabalhos apresentados no XII Encuentro de Geógrafos de América Latina – EGAL, Montevideu 03 a 07 de abril de 2009, acessíveis em [<http://www.egal2009.com>]: "Percepção, cognição e representação como instâncias prévias ao planejamento e a gestão do território" [http://egal2009.easyplanners.info/area02/2062_Esteves_Milton.pdf]; "Neogênese: Neofomações difusoras de diversidade e qualidade urbanas" [<http://egal2009.easyplanners.info/area05/>].

Trata-se, portanto, de descrever um conjunto de procedimentos e de produtos resultantes de nossa busca por respostas para duas questões centrais: 1) como mapear, no sentido lato de diagnosticar, analisar e expressar, as configurações territoriais contemporâneas como etapas prévias à projeção?; 2) como indicar estratégias processuais e projetuais para que tais configurações se tornem cada vez mais adequadas ao futuro da vida nas cidades?

Ao tratarmos das configurações territoriais contemporâneas nos referimos ao urbanismo (como ciência e “processo”) e à cidade (como “coisa”) e destacamos a importância que estes têm para a produção de subjetividades (intrínseca ao sujeito) e às relações intersubjetivas (relativas à humanidade e suas territorialidades). Sabe-se que o “fluxo universal de urbanização massiva”, tal como denominado por HARVEY (2004), tem provocado efeitos irreversíveis que definirão o futuro da humanidade e a qualidade da própria civilização. Afinal, 80% da população mundial vivem nas cidades, no começo do século XX eram apenas 7%; naquele então, somente 16 cidades estavam situadas em países “desenvolvidos” e contavam com mais de 1 milhão de habitantes. No século XXI já são mais de 500 cidades com mais de 1 milhão de habitantes, 4 delas passam dos 20 milhões e cerca de 20 passam dos 10 milhões, em sua maioria situadas nos países em vias de desenvolvimento. Sabe-se, também, que nas cidades brasileiras, os índices de áreas irregulares variam entre 50 e 80% enfrentando patologias como: concentração de problemas sociais; insalubridade ambiental; proliferação de zonas funcionais estéreis; segregação centro/periferia regida pelo poder capitalístico; hierarquização pelo capitalismo-cognitivo; superpopulação somada à escassez territorial e déficit ao habitacional; inadequação de programas para habitações populares; empobrecimento extremo e concentrado; disputas sociais; desnutrição; doenças crônicas; esgotamento ou ineficiência das infraestruturas; degradação ecológica.

Esses dados abreviados, e que devem ser constantemente atualizados, justificam nossas preocupações com o processo de explosão das grandes cidades contemporâneas, um fenômeno que abarca uma dinâmica em escala planetária,...

"... deslocada e múltipla, com características generalizáveis e, ao mesmo tempo, com perfis e tensões específicas: pressões, estratégias e transformações cada vez menos familiares, que podem evidenciar um território aceleradamente urbanizado, deflagrando a perplexidade da arquitetura face à colonização progressiva de um território urbanizado e rentabilizado de modo acelerado pelos processos e pelas técnicas definitivamente impostos pela tradição disciplinar. Nessas circunstâncias, explorar esses novos territórios flutuantes e seus parâmetros fenomenológicos, perceptivos, topológicos e formais que remetem às citadas transformações (signos de uma realidade ainda insipiente) resultaria, então, básico para estabelecer os novos limites –espaciais, conceituais, semânticos, culturais...– de uma profissão situada cada vez mais em uma difícil encruzilhada." (GAUSA, 1996: p11).

Esse “hiper-espaço” contemporâneo tornou-se um grande desafio para o urbanismo, uma vez que supera a própria noção de localidade e, também, anula a capacidade do corpo humano de se localizar, de organizar perceptivamente o espaço circundante e mapear cognitivamente sua posição em um mundo exterior híbrido, mutante e, portanto, dificilmente “mapeável”. Para Jameson (1997; 1988), essa disjunção entre o corpo e o ambiente construído, presente também no choque inicial do modernismo, é um símbolo análogo à incapacidade que nossas mentes têm de mapear a enorme rede global e multinacional a que os sujeitos individuais estão presos. Esse conjunto corresponde à derrocada dos paradigmas narrativos anteriores e à liquidação da linguagem compartilhada.

Tudo isso reforça nossas justificativas quanto à necessária busca por meios que superem aos sucessivos saltos quânticos provocados pelas constantes inovações tecnológicas e que nos permitam compreender e decifrar os modelos de cultura e suas marcas impressas no próprio espaço, entendido como sua expressão organizativa fundamental. Por isso, defendemos aqui a necessidade de se processar a percepção e o mapeamento do território como instâncias prévias aos projetos de concepção do espaço, os quais devem ser desenvolvidos dentro das principais prerrogativas dos lugares em que estarão contidos. Já deve ter ficado claro que o conceito “mapeamento” aqui utilizado não se limita ao antigo sentido de “ideologia da representação ou da mimese”, e muito menos à restrita função “cartográfica”, pois deve conduzir a um alto e complexo nível de análise e interpretação; deve estabelecer as necessárias convergências e vantajosas redefinições entre os problemas empíricos da rede urbana e a representação imaginária da relação do sujeito com a sua condição real de existência.

Nossos trabalhos partem da seleção, leitura e processamento dos referenciais teóricos, uma etapa que atende à principal prerrogativa de uma pesquisa acadêmica: gerar meios e recursos para o desenvolvimento cognitivo que demanda atualização e aprimoramento constantes. Mas não nos satisfazemos apenas com o individualismo de tarefas subjetivas, pretendemos gerar interações entre essa cognição e aplicá-la na projeção do território, prerrogativa do urbanismo responsável voltado à conformação eficaz dos espaços urbanos. Acreditamos que os mecanismos de apreensão e de representação com os quais trabalhamos são importantes subsídios na elaboração de estratégias eficazes ao planejamento e à gestão do território. Esses requisitos metodológicos reúnem e catalisam experiências sinestésicas de modo a revelar as virtudes, as deformidades e as demandas inerentes a cada lugar e experimentadas na sua própria concreticidade; por outro lado, esses requisitos pressupõem uma subdivisão de tarefas e de enfoques temáticos, alguns dos quais serão resumidos a seguir.

ANTROPOLOGIA VISUAL E REPRESENTAÇÕES DIAGRAMÁTICAS

Investigar o território e suas territorialidades por meio do complexo elenco de questões e situações anteriormente citadas pressupõe entendê-los como lugar da vida cotidiana e dos assentamentos humanos; pressupõe, também, a adoção de estratégias metodológicas que desenvolvam nossa capacidade de vivenciar, conhecer e avaliar alguns dos principais fatores constituintes do território e das coletividades que o habitam. Dessa forma, dedicamo-nos a entender as interações entre os indivíduos e destes com o espaço, buscando a compreensão de nossa própria condição humana (elemento chave do nosso contato com a realidade) e, também, a definição de nossos passos em direção às necessárias intervenções.

Para tanto, partimos da avaliação dos modos como os indivíduos atuam no ambiente, tendo-se como ponto de partida a percepção ambiental e a antropologia do espaço, de modo a estudar o território como elemento essencial na teoria sociocultural e na vivência cotidiana dos seus habitantes. Entendemos que a relação entre indivíduo e espaço (sujeito e objeto) caracteriza a configuração urbana ao longo dos tempos, e a apreensão dessa relação com os demais fatores atuantes no território e de sua representação são fundamentos para o adequado planejamento urbano. Por isso, buscamos recursos estratégicos que atuem de forma simultânea e interativa, que estimulem novas formas de leituras e interpretação do território.

Tais situações demandam novos métodos que transcendam aos modelos tradicionais, o que nos leva a investigar sobre a *antropologia visual* e a *representação diagramática*.

No caso da *antropologia visual*, tema que foi objeto de outras pesquisas precedentes a esta, trata-se de um instrumental representativo e ilustrativo auxiliar nas tarefas e experiências que vão desde a captação das transformações de um ambiente à figuração de uma produção textual (OLIVEIRA, 2009). Tal recurso é tido como importante ferramenta de resgate da história social, por promover leituras capazes de estimular os questionamentos e as reflexões críticas sobre as relações intrínsecas que atuam no próprio objeto (território) do qual a imagem revela. Essas ações são formas privilegiadas de se condensar e veicular representações sociais, imprescindíveis ao entendimento dos fenômenos naturais e das ações humanas. Tendo o cuidado de não entender a imagem como única forma de apreensão da “verdade” e/ou de transmissão do “real”, reconhece-se seu potencial como fonte de documentação e preservação dos “fatos sociais”, tal como definido por Mauss (1993), perfazendo um importante conjunto que resulta da soma entre os fenômenos sociais e sua representação.

A *representação diagramática*, por outro lado, soma recursos capazes de estabelecer diversas relações entre o objeto de estudo e as mais variadas informações referentes a ele,

relacionando inclusive tais relações entre si. Em se tratando do ambiente urbano, tal recurso se mostra bastante eficiente, devido à sua capacidade de representar as complexas relações com que se dão os fatores atuantes no território. Por expressarem os resultados dessa captação de informações e projeção das mesmas, e por estabelecerem tais relações que obviamente não estavam visíveis antes da construção diagramática, esta passa a servir de “elo de ligação” entre objeto (território), sujeito (pesquisadores) e processo (estratégias metodológicas perceptivas, cognitivas, reflexivas e expressivas). Soriano (1995) não estabelece diferenciação entre diagramas e arquitetura, pois ambos, segundo ele, são mecanismos de intelecto que carregam valores e construções das relações espaço/tempo/imagem. O autor não entende o diagrama apenas como um esquema, uma simplificação ou uma redução, mas sim como uma “síntese” que faz coincidir o tempo da concepção com o momento da construção. É um procedimento que conjuga a informação, as relações ou associações e os fenômenos com a organização, o espaço e a matéria.

MERGULHO NO TERRITÓRIO

Considerando-se que as principais metas deste trabalho não se restringem ao campo teórico e que sua metodologia se fundamenta em estratégias experimentais vivenciadas na concreticidade do próprio território, definimos uma faixa territorial para experimentações: o centro da cidade de Vitória. Dentre as razões que influíram nessa escolha destacam-se: por se tratar do núcleo fundacional da capital do estado e de um importante pólo metropolitano; por ser o terreno onde experimentamos a cotidianidade; e porque nela encontramos diversos problemas urbanos que justificam nossos projetos.

Para realização de nossas experimentações, realizamos “mergulhos no território” que nos permitem um contato direto com as mais diversas situações urbanas e as características locais onde e quando elas efetivamente ocorrem. Permitem, também, uma avaliação dos principais fatores que qualificam a faixa territorial em questão, determinada os estímulos produzidos pelo próprio lugar.

Os primeiros exercícios ocorreram por meio de *derivas*, prática em que se utiliza o ato consciente de “se perder no espaço” de modo a aumentar a capacidade sensitiva, diminuindo as tendências cotidianas e a cegueira do uso induzido ou pré-determinado. A deriva “... é uma formulação prática que estimula o contato direto dos cidadãos com seu espaço e seu tempo presentes, com o aqui e agora do momento histórico; ela imediatiza o contato com o mundo real, enaltecendo a *presentação* em detrimento da viciosa *representação*” (ESTEVES, 2002:324-5).

Posteriormente, com base nas primeiras discussões sobre os resultados das *derivas*, realizamos visitas com percursos programados, quando atentamos para fatores já selecionados e considerados característicos do lugar. Para essa fase, dispomos de diversos

instrumentos de levantamento e documentação previamente elaborados, tais como mapas cognitivos e registros iconográficos.

A sistematização desse acervo fornece informações e materiais analíticos necessários aos desdobramentos pretendidos, reunidos num conjunto de mapas, fotos e diagramas que denominamos “estratigrafia do território”. Essa maneira de estudar o ambiente urbano permite o conhecimento de seus estratos e as relações estabelecidas entre eles, revela as características fundamentais do lugar e permite, também, a elaboração dos desdobramentos metodológicos de nossos trabalhos. Desse modo, atingimos aos primeiros objetivos: construir as bases teóricas e experimentais para apreensão do território por meio de experiências práticas que permitem a apreensão e a percepção que geram informações e conclusões sobre situações urbanas reais. Dentre os mapas e diagramas produzidos, seguem alguns exemplos.

O primeiro mapa trata da localização geográfica do território, representa sua situação em diferentes âmbitos – nacional, estadual, metropolitano e municipal e local.

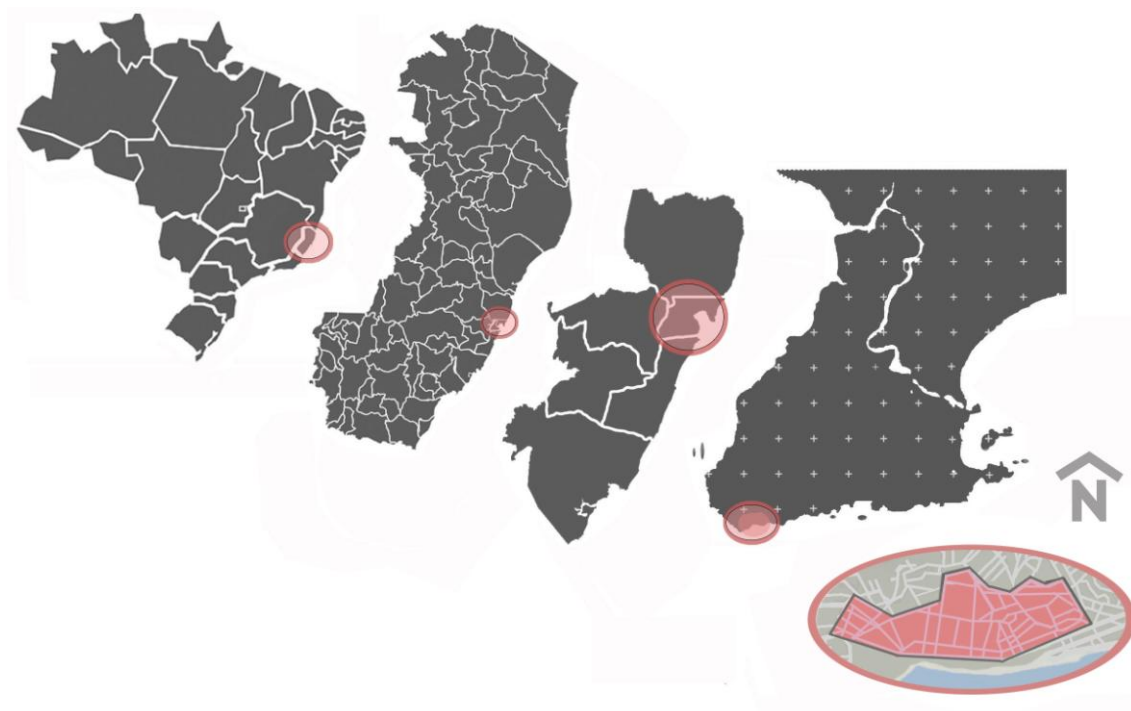


Imagem 1. Cartografia para localização geográfica da faixa territorial analisada (sem escala)

A seguinte imagem sintetiza as primeiras observações específicas do território, trata-se de um mapa cognitivo que agrupa informações diversificadas que, a nosso ver, sintetizam e caracterizam o trecho urbano em questão, tais como: atividades realizadas (nossos deslocamentos e focos de atenção); relações entre a movimentação de pessoas e

de veículos; presença da infraestruturas urbanas e de fatores geomorfológicos importantes; acessos; modos de uso e ocupação do solo etc.



Imagem 2. Diagrama da Estratigrafia do Território. Síntese dos estímulos observados.

A imagem 3 é um diagrama que retrata a percepção do território por meio das sensações captadas durante as visitas. Embora a extensão territorial seja pequena, percebemos que é caracterizada por um grande conjunto de ambiências que são sintetizadas por meio de elementos simbólicos.



Imagem 3. Diagrama sobre os registros sensoriais mais relevantes, provocados pela percepção e apreensão das situações urbanas, associando-as à localização dos mesmos dentro do território.

Além do mapeamento cognitivo e dos diagramas, o conjunto iconográfico somou uma série de imagens fotográficas para alimentar o acervo de informações e, conseqüentemente, caracterizar o processo e registrar os fatos e os fatores identificados.

ESTRATÉGIAS PROSPECTIVAS E PROJETUAIS

Vimos que as metrópoles contemporâneas apresentam problemas resultantes de uma série de sobreposições que interagem num remix de acontecimentos, pondo em cheque os parâmetros de produção e gestão do território até então adotados. Os espaços públicos estão cada vez mais sujeitos a fluxos e velocidades (materiais e imateriais de veículos, informações e mercadorias) que apagam quaisquer vestígios de sentido, coerência ou identidade dos lugares, uma condição que os transforma no que Augé (2005) chama de “não-lugar”. Nossa busca de respostas tem no citado mergulho do território uma sinestesia semelhante à utilizada por Careri (2004), que discorre sobre a importância do ato de atravessar um território como forma de leitura psicogeográfica. Para o autor, em todas as épocas o ato de andar foi responsável pela construção dos lugares, produzindo arquitetura e paisagem.

Tais reflexões confirmam nossa crença de que podemos transformar os significados dos lugares por meio dessa travessia que nos permite diagnosticar um complexo conjunto de questões que se convertem nas diretrizes de inferência cujos objetivos visam a:

- **diminuir** os efeitos provocados pelas lógicas de circulação e transportes (com predomínio aos meios individuais) responsáveis pela relativização das distâncias e pelo espalhamento do tecido urbano;
- **reduzir** os efeitos do zoneamento funcional que provocou a fragmentação e segregação dos espaços urbanos;
- **minimizar** os desequilíbrios e conflitos entre ocupação urbana e bases geológicas e ambientais (corpos d'água, afloramentos rochosos, áreas de proteção ambiental e de valor paisagístico);

- **enfrentar** as ocupações informais e a produção de habitações precárias e/ou em áreas de risco que podem provocar erosões, proliferação de vetores endêmicos etc.;
- **equacionar** a instalação e a manutenção de infraestruturas adequadas ao saneamento ambiental focado na drenagem de águas pluviais e na coleta e tratamento de águas servidas e de lixo;
- **criar** recursos para a geração e distribuição de energia limpa e renovável;
- **efetivar** o cumprimento das normativas dos Planos Diretores por meio de fiscalização eficiente de modo a reduzir as situações conflitantes nas formas de uso e ocupação do solo – taxas de ocupação, índices de aproveitamento, limites e afastamentos entre edificações etc.;
- **harmonizar** a convivência entre unidades de vizinhança e estabelecimentos de usos funcionais – domicílios, atividades logísticas, instalações industriais e/ou comerciais etc.;
- **impedir** a utilização indevida e a obstrução dos espaços públicos por construções particulares, por atividades e instalações comerciais provisórias, por mobiliário urbano inadequado etc.;
- **estimular** programas e projetos voltados à preservação e utilização

adequadas das unidades de interesse ambiental e do potencial paisagístico;

- **recuperar** o contato terra-água para relevar a importância dos corpos d'água e, em especial, para diminuição dos efeitos provocados pelo histórico desrespeito com eles;
- **reforçar** as vantagens do acessibilidade universal para estimular e otimizar a circulação de pedestres e ciclistas;
- **organizar** os diversos fluxos específicos de modo a harmonizar e compatibilizar as relações entre domínios de pedestres, ciclistas, passageiros e cargas;
- **otimizar** a qualidade dos espaços de permanência;
- **estimular** a instalação e a manutenção dos equipamentos voltados à produção cultural e às atividades de ócio e diversão;
- **coibir** e controlar as fontes produtoras de poluição ambiental sonora;
- **solucionar** a recorrente instalação das atividades comerciais informais e dos ambulantes
- **reafirmar** e requalificar os espaços característicos e tradicionalmente geradores de vitalidade urbana, tais como o Mercado da Vila Rubim, o Mercado Capixaba,
- **equacionar** as atividades geradores de impactos ambientais e vivenciais, tais como plataformas produtivas,

estabelecimentos industriais,
instalações portuárias

- **permear** dinâmicas urbanas de modo a evitar esvaziamentos, problemas de insegurança, abandono do parque edificado e diminuição do interesse na utilização do núcleo fundacional da cidade;
- **garantir** a manutenção do patrimônio material existente, bem como recuperar os edifícios e instalações degradados e/ou em desuso, de modo a enaltecer sua significância histórica e seus valores relacionais;
- **difundir** instalações e equipamentos que fomentem o turismo não predatório;
- **relacionar** os programas voltados à Habitação de Interesse Social com medidas necessárias às condições de habitabilidade e à fixação dos habitantes à vida urbana;
- **promover** a complementaridade e a diversidade urbanas por meio de serviços e de funções fundamentais ao direito à cidade;
- **desenvolver** estratégias que evitem a criação de segregação social, estigmatizando segmentos e negando os direitos ao exercício pleno da cidadania.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao invés de lançarmos projetos fictícios e propostas descabidas ou fora de contextos concretos, preferimos identificar situações críticas e lançar os objetivos voltados ao planejamento territorial com esperança de podermos superar a atual produção de espaços

estéreis e isentos de relações entre sujeitos e destes com o meio ambiente. Em Vitória nota-se claramente o predomínio das ambiências voltadas à separação em zonas funcionais, em ilhas de produzir, morar, trabalhar e circular, sem perspectivas para a convivência harmônica entre os diversos componentes da multiplicidade urbana. Para gerir e implementar uma rede de ações que visa esta qualificação, nossos projetos desprezam o alisamento do território em favor da produção de espaços de convergências. Contra as clivagens e barreiras que promovem a banalização da vida pública e tornam a cidade contemporânea num território inóspito, propomos políticas urbanas para o agenciamento da cidade e para a requalificação das áreas de uso público, que só serão possíveis por meio da participação dos cidadãos na construção do espaço coletivo. Ao invés de lançarmos "fórmulas indiscutíveis" para uma abordagem sistemática das metrópoles contemporâneas, propomos reflexões teóricas e avaliações empíricas voltadas ao planejamento e a gestão do território em prol do redimensionamento e redirecionamento dos parâmetros de configuração espacial nos diversos âmbitos inerentes ao conceito território, que engloba as interações e interfaces que vão do local ao global.

Esses são os principais fundamentos de nossas investigações na moldura mais estrita da vida cotidiana da cidade: permitir a apreensão e a representação situacional do sujeito individual em relação ao vasto e irrepresentável conjunto das estruturas da sociedade como um todo. Isso nos leva a repensar questões especializadas da percepção e representação do espaço social, que cada vez mais exigem práticas e políticas para uma retomada da velha distinção entre "ciência" e "ideologia". Reconhecendo a impossibilidade do conhecimento do mundo em sua totalidade (seja de forma abstrata ou científica), defendemos as estratégias que potencializem a experiência existencial e o conhecimento científico de modo a articular nossa capacidade de interpretar e compreender as situações históricas do território contemporâneo. Defendemos a instauração de uma cultura política capaz de desenvolver sujeitos individuais e coletivos que recuperem nossa competência de agir em prol de uma "nova escala espacial" mais justa e digna para a "totalidade social".

Em suma, com base nesses ideais, nossos trabalhos buscam: promover as necessárias interrelações entre sujeitos (pesquisadores, usuários, cidadãos) e o território por meio do contato direto com os espaços concretos e o tempo presente; identificar as principais problemáticas presentes no território buscando subsídios para enfrentá-las; renovar e avaliar os quesitos técnicos, conceituais e metodológicos relativos à cognição e representação do território; reverter os necessários embasamentos teóricos e conceituais em articulações pragmáticas que otimizem os trabalhos profissionais atrelados à melhoria das condições urbanas e sócio-ambientais; e desenvolver táticas prospectivas voltadas às intervenções urbanas já em dialética com o território, garantindo o desejável "progresso" sob novas bases de qualidade e sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

- CARERI, Francesco. *Walkscapes: El andar como prática estética*. Barcelona, Gustavo Gili, 2004.
- CONEXÃO VIX. *Relatório de pesquisa*. Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFES. Vitória, UFES / FACITEC, 2008.
- DELEUZE, Gilles; Guattari, Felix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol 1). São Paulo, Ed. 34, 2004.
- ESTEVES Jr., Milton Jr. *Movemo-nos à Deriva e somos Devorados pelo Espetáculo*. Tese de Doutorado, Universidad Politécnica de Cataluña. 1997.
- _____. "Psicogeografia e Sitologia: premissas e alternativas experimentais", in RIO, Vicente del et al (orgs). *Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro, Contracapa, 2002 (pp 319-328).
- _____. "Da realidade do planejamento fragmentista à utopia do Urbanismo Unitário: o medo e o cuidado dos urbanistas na hora da projeção urbana". In *Panoramas Urbanos: reflexões sobre a cidade*, ESTEVES, Milton Jr et al (orgs). Salvador, Edufba, 2003.
- _____. "Jogos Estratégicos para o Desenvolvimento da Capacidade de Percepção, Representação e Intervenção do (e no) Meio Ambiente Físico e Social". In *Caderno de Estudos e Pesquisas – Meio Ambiente #20*. Rio de Janeiro, Universo, Mai/Ago 2004.
- GAUSA, Manuel. "Metropolis > metapolis: noves mapificacions per a la ciutat contemporània", in Revista Quaderns # 213 número especial Fórum Internacional UIA Barcelona. Barcelona, Colégio de Arquitectos da Catalunya, 1996 (pp10-17).
- GUATARRI F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo, Editora 34. 1992.
- HARVEY: David. "Mundos Urbanos Posibles", in RAMOS, Ángel Martín (org.). *Lo Urbano em 20 Autores Contemporâneos*. Barcelona, UPC, 2004.
- JAMESON, Fredric. *Pós Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, Ática, 1997.
- _____. "Cognitive Mapping" in CARY, N. e LAWRENCE, G. (orgs): *Marxism and the Interpretation of Culture*. London, Mac Millan Education, 1988.
- MAUUS, Marcel. *Manual de Etnografia*. Lisboa, Dom Quixote, 1993.
- MONEO, Rafael. *Inquietação Teórica e Estratégia Projetual*. São Paulo, Cosacnaify, 2008.
- OLIVEIRA, Henrique César Guimarães Carvalho de. *Configurações Territoriais e Territorialidades: aproximações teóricas e projetuais*. Relatório final de pesquisa para o Programa de Iniciação Científica da UFES, 2009.
- SORIANO. Frederico. *Diagramas @*. Madrid, Fissuras, 1995.